

# **ALUNOS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE - TDAH: os desafios e as dificuldades dos professores**

Dara Cristina Silva Rosa

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: dara-rv@hotmail.com)

Franciele Marques Rodrigues

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: francielemr.fm@gmail.com)

Júlio César Gomes dos Santos

Orientador do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: rv.julio@hotmail.com)

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo compreender os desafios encontrados por professores de escolas do município de Rio Verde-GO, ao trabalhar com alunos com transtorno de déficit atenção e hiperatividade (TDAH). Haja vista, que atualmente a inclusão dos alunos com esse transtorno se tornou um tema de amplo debate nas diferentes comunidades científicas. Destarte, para alcançar os objetivos, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, com o auxílio de questionários que foram aplicados a 22 professores de escolas municipais Rio-verdenses, sendo uma localizada na zona central e outra na zona periférica. As questões foram direcionadas tanto a atitudes dos professores quanto ao comportamento dos alunos em sala de aula. Contudo, com os resultados, foi verificado que os comportamentos mais observados pelos docentes que atendem as crianças com TDAH foram os problemas que envolviam o brincar em silêncio, desatenção, pouco autocontrole, o que dificulta o desempenho metodológico do professor em sala de aula. De tal modo, com os resultados obtidos, pode-se concluir que a maior dificuldade em âmbito pedagógico é a falta de apoio familiar e os incentivos dos órgãos competentes.

**Palavras-chave:** Inclusão. Aprendizagem. Reflexões. Discussões.

## **STUDENTS WITH ATTENTION DEFICIT DISORDER AND HYPERACTIVITY - TDAH: the challenges and difficulties of teachers**

## **ABSTRACT**

This article aims to understand the challenges faced by school teachers in the municipality of Rio Verde-GO, when working with students with attention deficit

hyperactivity disorder (ADHD). It should be noted that currently the inclusion of students with this disorder has become a topic of wide debate in different scientific communities. Thus, to achieve the objectives, an exploratory research was developed, with the help of questionnaires that were applied to 22 teachers from municipal schools in Rio Verde, one located in the central area and another in the peripheral area. The questions were directed both to the teachers' attitudes and to the students' behavior in the classroom. However, with the results, it was found that the behaviors most observed by teachers who assist children with ADHD were the problems that involved playing in silence, inattention, little self-control, which hinders the methodological performance of the teacher in the classroom. In such a way, with the results obtained, it can be concluded that the biggest difficulty in pedagogical scope is the lack of family support and the incentives of Organs competent bodies.

**Keywords:** Inclusion. Learning. Reflections. Discussions.

## 1 INTRODUÇÃO

Os professores se deparam na era vigente com diversas dificuldades ao trabalhar com crianças que possuem TDAH. Entre elas estão manifestações de inquietação, impulsividade, hiperatividade e dificuldades em organizar os pensamentos. Em diversos contextos os pequenos podem ficar agitados ao realizar atividades longas e de maior complexidade.

Além das manifestações supracitadas desenvolvidas pelas crianças com TDAH, os professores têm que lidar com salas de aula cheias, falta de colaboração do poder público, que não fornece professor de apoio para acompanhar as crianças com TDAH, assim como cursos de capacitação para os professores que trabalham com alunos com esse transtorno.

No entanto, compreender as dificuldades que os docentes têm para trabalhar com essas crianças em escolas públicas e discuti-las, para que haja melhora no ensino aprendido, é extremamente necessário. Ademais, por diversas vezes as crianças que possuem TDAH são tratadas de forma errônea, pois o tempo de sua aprendizagem não é respeitado, tampouco suas especificidades, o que em decorrência, pode propiciar situações de julgamentos ofensivos.

Segundo o CID-10, o mesmo trata-se de um problema de saúde mental e suas principais particularidades afetam a vida social, familiar e escolar de quem possui esse transtorno, sendo assim, acarreta-se em sérias dificuldades durante o processo de aprendizado do indivíduo.

Em referência a abordagem o estudo teve como objetivo abranger os desafios encontrados por professores de escolas do município de Rio Verde-GO, ao trabalhar com alunos com transtorno de déficit atenção e hiperatividade (TDAH).

## **2 UM OLHAR ATENTO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 confirma a todas as crianças o direito de uma educação básica (BRASIL,1996) sendo esse, garantido pela Constituição Brasileira. Diante de tal afirmação, as crianças que possuem alguma necessidade educacional especial têm a aquiescência de frequentar uma escola de ensino regular.

Logo, segundo a Deliberação nº 02/03-CEE, a terminologia ‘necessidades educacionais especiais’ deve ser utilizada para referir-se às crianças e jovens, cujas necessidades sucedem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. A concepção da educação inclusiva fundamenta os direitos dos alunos a terem práticas e gestão direcionadas a suas necessidades, assim como a formação de professores capacitados (PAPA; VIEGAS; ZAMOR, 2015).

Porquanto, a educação inclusiva se apoia no princípio de um olhar especial para o aluno de forma individualizada e cooperativa, contemplando todas as suas habilidades e dificuldades, pois é por meio da inclusão que a criança aprimora a linguagem, o cognitivo e a socialização, para que acima das diferenças possa ser um cidadão capaz de exercer seus deveres e direitos (SOUZA, 2013).

Ao incluir pessoas especiais em uma escola de ensino regular, sendo ela pública ou privada, essa unidade se converte em um ambiente mais propício à aprendizagem, pois enxerga que cada ser é único e produtor de sua própria cultura, de tal modo, deve-se respeitar o tempo e os limites de cada um, e também deve ser proposta a criação de meios para facilitar e atingir todos os objetivos, e assegurar então, o ato de incluir.

Dessa forma, de acordo com Tessaro et al. (2005, p. 106) “vale ressaltar que o princípio básico da educação inclusiva implica na possibilidade de que todas as crianças aprendam juntas, independentemente de suas dificuldades ou diferenças”. Em todo processo de inclusão educacional a criança precisa ser vista como criança, não negando sua característica orgânica ou sua diferença, mas nunca supervalorizando esse fator.

Sendo assim, a educação inclusiva é diferente da educação tradicional, pois ela estabelece um novo modelo de educação em que a escola deve adaptar-se ao aluno e não o inverso. A mesma deve estar pronta para enfrentar todos os desafios de oferecer uma educação de qualidade, que trabalhe a diversidade na tentativa de construir um novo conceito sobre aprendizagem.

### **3 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): histórico e diagnóstico**

O TDAH é uma especificidade pouco discutida, pois muitas vezes é confundido com a falta de educação, no entanto segundo estudos e pesquisas, o mesmo trata-se de um problema de saúde mental e, suas principais particularidades afetam a vida social, familiar e escolar de quem possui esse transtorno, sendo assim, pode acarretar serias dificuldades ao processo de aprendizado do indivíduo.

[...] TDAH, é um problema de saúde mental que tem três características básicas: a desatenção, a agitação (ou hiperatividade) e a impulsividade. Este transtorno tem um grande impacto na vida da criança ou do adolescente e das pessoas com quais convive (amigos, pais e professores). Pode levar a dificuldades emocionais, de relacionamento familiar e social, bem como um baixo desempenho escolar. Muitas vezes, é acompanhado de outros problemas de saúde mental (ROHDE; BENCZIK, 1999, p. 36).

Esse distúrbio afeta a vida de quem o possui em diversos âmbitos, como social, escolar e familiar. Outro agravante à situação é que para haver um diagnóstico correto, é preciso que os comportamentos insistam durante algum tempo, e que haja a ajuda multiprofissional especializada, pois a hiperatividade se fundamenta pelos traços da desatenção, e é necessário que os sintomas sejam de no mínimo 06 meses, e devam estar em vários ambientes para que o diagnóstico seja assertivo (MACHADO; CEZAR, 2007).

Conseqüentemente, o TDAH, um dos transtornos mais diagnosticados em crianças que frequentam a escola, segundo Boavida e Estrada (2019, s./p.) “o TDAH é o transtorno mais comum do neurodesenvolvimento, com uma prevalência de 5-7% na idade escolar, média a nível mundial”.

Outro fator importante é que o TDAH pode ser encontrado com mais frequência em meninos e esses possuem como fator principal, o sintoma de hiperatividade e a impulsividade, já o que se sobressai em meninas é a desatenção

(MACHADO; CEZAR, 2007). Contudo, o TDAH necessita de mais atenção por parte da escola, mídias sociais e família. É uma temática que carece ser abordada com maior seriedade pela sociedade, o que ajudaria a propagar de forma correta o que de fato é o transtorno.

Ademais, em um contexto histórico, o TDAH, sofreu várias mudanças em sua nomenclatura ao longo dos anos, já foi abordado como lesão mínima no cérebro, em seguida foi modificada para disfunção cerebral mínima e em 1902 foi citado pela primeira vez em um jornal de medicina. Os sistemas classificatórios modernos, utilizados por psiquiatras classificam o TDAH por meio do CID-10 e do DSM-IV (ROHDE; HALPERN, 2004).

Em 1902 Still apresentou suas descobertas sobre crianças com comportamentos desafiadores, desatentos, agressivos e hiperativos; tinham dificuldades em seguir regras (SILVA, 2003). As crianças com esses comportamentos eram consideradas como tendo algum “defeito no cérebro”, essas hipóteses surgiram a um devido surto de encefalite.

Todavia, por várias crianças com os comportamentos supracitados serem inteligentes, criou-se o termo lesão cerebral mínima, segundo Silva (2003, p. 116) “o termo hiperatividade infantil foi usado por Laufer, em 1957 e por Stella Chess em 1960”. Nada obstante, o assunto ganhou ênfase, por parte da população científica que propôs a realização de vários estudos, até chegarem ao termo que conhecem hoje, o TDAH.

Quanto ao diagnóstico, o TDAH apresenta complexidades para ser diagnosticado, pois devida à falta de um exame específico, além de alguns sintomas serem confundidos por pais, professores e profissionais da saúde, como: rebeldia, indisciplina e até mesmo com ansiedade ou depressão, o diagnóstico pode ser complexo e levar tempo para ser conclusivo. Rohde et al. (2000 apud SHICOTTI; ABRÃO; GOUVEIRA JÚNIOR, 2016) afirmam haver alta taxa de comorbidade entre o TDAH e outras doenças, entre elas: a depressão (15% a 20%), transtorno de ansiedade (25%) e transtornos da aprendizagem (10% a 25%).

Por conseguinte, faz-se necessário que pais e professores observem o comportamento da criança, e a encaminhem a um profissional responsável, que analisará os sintomas apresentados, chegando a um diagnóstico. Conforme o Dr. Keith Conners, “não é possível diagnosticar o TDAH através de um exame” (MACHADO; CEZAR, 2007, p. 6).

Desse modo, a comunidade científica passou a utilizar os critérios do DSM IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais) para diferenciar e diminuir a prevalência nos estudos. Segundo Shicotti, Abrão Gouveia Júnior (2016, p. 57) o DSM IV divide o TDAH em subtipos:

Apresentação predominantemente desatenta, tais como: não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares e de trabalho; dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas; perder coisas necessárias para tarefas ou atividades, etc. Apresentação predominantemente hiperativa-impulsiva: remexer ou batucar mãos ou os pés ou se contorce na cadeira; correr ou subir nas coisas em situações em que isto é inapropriado, deixar escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída; interromper ou se intrometer nas conversas, etc. Apresentação combinada: caracteriza-se pela combinação dos dois subtipos anteriores.

“Diagnósticos têm sido feitos às pressas, sem conhecimento mais aprofundado sobre a história de vida do paciente e do contexto em que vive” (SCHICOTTI; ABRÃO; GOUVEIA JÚNIOR, 2016, p. 61). Entretanto sabe-se que o diagnóstico do TDAH é complexo e necessita que os sintomas apareçam em mais de um ambiente na vida do indivíduo, justamente para ser diagnosticado, por outro lado, os diagnósticos têm sido feitos de maneira apressada para justificar o comportamento inesperado que algumas crianças têm, principalmente na escola.

### **3.1 Professores x desafios para ensinar alunos com TDAH**

Incluir um aluno com necessidades educacionais especializadas é um desafio, tanto para a escola, como para os professores, pois diligencia transformações para que favoreça a aprendizagem. De acordo com Crochick (2011, p. 569) “não basta a escola pensar as contradições existentes fora dos muros escolares, deve também reconhecê-las dentro de si”. Sendo os professores intermediários essenciais em todo desenvolvimento.

Assim, com a intenção que a figura do professor seja mediadora durante todo o processo de desenvolvimento da aprendizagem, o mesmo deve estar em uma constante formação continuada, buscando meios que atendam a formação de um sujeito reflexivo e crítico na sociedade ao qual é inserido.

Outro aspecto que pode ser ressaltado é o que diz respeito à relação dos números de alunos em sala de aula, pois esse aspecto também influencia na relação professor/aluno. O aluno que possui alguma especificidade requer de uma atenção e

de um tempo maior, envolvendo a afetividade. Para Mattos (2008, p. 59) “a afetividade pode contribuir para o fortalecimento de laços de pertencimento do aluno no ambiente escolar, em relação ao professor e aos colegas, o que pode favorecer sua aprendizagem”. Chamando então atenção ao processo de socialização, o que também é um grande desafio, pois cada ser possui suas diferenças.

Outro fator contributivo é a família, pois essa assume também uma forte influência no conhecimento. E segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º, é responsabilidade do Poder Público e da família garantir os direitos à saúde, à alimentação, e à educação (BRASIL, 1990).

Logo, nota-se que a instituição de ensino não pode desenvolver a educação sozinha, essa necessita da ajuda da família, em que as mesmas devem unir-se para garantir todos os direitos à criança, inclusive assegurar à Educação. Sendo necessário, que a família participe do processo de ensino aprendizagem. De acordo com Piaget (1984) e Vygotsky (1998) citado por Souza (2009, p. 10):

[...] a aprendizagem é resultado da interação do indivíduo com o outro, considerando-se a maturação biológica, a bagagem cultural e a nova situação que se apresenta. Desta forma as diferenças culturais também se tornam um desafio e deve ser levada em consideração.

Destarte, o aluno que possui alguma necessidade especial educacional deve ser visto como um ser único, e devem ser levadas em consideração as dificuldades de aprendizagem e de socialização.

### **3.2 Práticas pedagógicas para o ensino de alunos com TDAH**

No ensino regular os alunos com necessidades especiais encontram vários desafios, pois se exige uma prática pedagógica diferenciada. Os discentes que possuem o CID -10, F90.0, sendo esse o TDAH, não são reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) como um público alvo da educação inclusiva, já que entende-se que o distúrbio não se trata de uma deficiência e sim de um transtorno neurobiológico, ou seja, uma doença do cérebro. Araújo Filho (2003, apud MACHADO; CEZAR 2007, p. 7) se posiciona afirmando que, “o TDAH é um transtorno comportamental e como tal, os recursos terapêuticos variam para cada grau e por meio da terapia a criança pode praticar o autocontrole”.

De tal forma, percebe-se que o resultado em sala de aula exige diversas intervenções pedagógicas, porque se busca sempre estratégias que se adequem à

situação. Entretanto, um grande desafio por parte dos professores é tratar os alunos de forma igual. “O tratamento ideal para crianças e adolescentes portadores do TDAH envolve um planejamento individualizado, baseado nos sintomas principais e comorbidades, além das preferências da família e do próprio paciente” (GOMES; VILANOVA, 1999, p.144).

Consoante ao fato, o professor precisa conhecer o currículo oculto de seu aluno, para saber quais as melhores metodologias para trabalhar com ele, demonstrando sempre empatia por cada um. Tendo em mente que o trabalho deve ser individualizado e focado sempre no aluno, pois esse é o principal no processo de ensino aprendizagem. As atividades podem ser curtas, para que os mesmos não fiquem desatentos. A participação da família também se faz essencial nesse processo, pois essa pode reforçar os comportamentos e retratar anseios.

Os alunos que possuem o Transtorno de Déficit de atenção e hiperatividade apresentam dificuldades em relação à organização, chamando sempre atenção para o que fazem de errado, assim, é fundamental a figura do professor, porquanto o mesmo deve estabelecer uma rotina clara e enxergá-lo como sujeito com potencial.

Barkley (1998 apud DESIDÉRIO; MIYAZAKI, 2007, s./p.), fornece onze sugestões que podem facilitar o trabalho comportamental da criança em sala de aula, as quais são explicitadas no quadro 1.

#### **QUADRO 1 - Sugestões para Sala de Aula:**

<b>Nº</b>	<b>SUGESTÕES</b>
01	Adaptar quantidade de tarefas em sala à capacidade de atenção da criança.
02	Modificar estilo de ensino e currículo (ex. incluir atividades que envolvem participação).
03	Utilizar regras externas (ex.: pôsteres, autoverbalização).
04	Fornecer reforçamento frequente e utilizar custo de resposta.
05	Utilizar consequências imediatas para o comportamento.
06	Utilizar reforços de maior magnitude (ex.: sistema de fichas).
07	Estabelecer limite de tempo para conclusão de tarefas.
08	Estabelecer hierarquia para custo de resposta em sala de aula.
09	Se as estratégias anteriores não forem efetivas, considerar reunião com pais e encaminhamento da criança.
10	Coordenar as estratégias utilizadas na escola com aquelas utilizadas pelos pais em casa.
11	Controlar o próprio estresse e frustração ao lidar com a criança.

Fonte: Barkley (1998 citado por DESIDÉRIO; MIYAZAKI, 2007, s./p.).



Entretanto, para que os professores possam transpor essas dificuldades em sala de aula, utilizando estratégias de acordo com a realidade de cada aluno, nesse caso, a prática do professor fará total diferença para que as crianças com TDAH consigam desenvolver as atividades propostas em sala, e de acordo com Costa, Moreira e Seabra Júnior (2015, p.113),

[...] o primeiro passo exige que o professor seja capaz de identificar as potencialidades e necessidades dos estudantes para equiparar as oportunidades, sem oferecer privilégios em detrimento das dificuldades, em adaptar, adequadamente sua prática pedagógica.

Não obstante, para que estratégias sejam criadas e colocadas em prática na sala de aula, é preciso que os professores compreendam os problemas de mau comportamento e não os veja como empecilhos para o sucesso do aprendizado. Segundo Dupaul e Stoner (2007, p. 127) “sob essa perspectiva, as intervenções para problemas comportamentais têm como objetivo explícito o ensino das habilidades e conhecimentos necessários para substituir os comportamentos problemáticos por outros mais aceitáveis”.

No entanto, uma das estratégias que o professor pode utilizar para que o aluno com TDAH possa melhorar seu rendimento escolar é deixar a aula mais interessante e lúdica, dessa forma o professor poderá obter a atenção do aluno com TDAH. Logo, os docentes necessitam mudar a maneira de apresentação de suas aulas, matérias que devem apresentar maior estimulação como cor, forma, texturas que podem reduzir o comportamento inadequado do aluno, aumentando a atenção, concentração e melhorando o seu desempenho total (BOZZO, 2015).

Assim, para que as estratégias sejam eficazes, os professores têm que levar em consideração a individualidade de cada aluno, as intervenções precisam acontecer no momento em que ocorrer o comportamento inapropriado do aluno (DUPAUL; STONER, 2007).

Entretanto, o professor não deve ser o único responsável pelas estratégias com crianças com TDAH, podendo para tanto utilizar de todas as pessoas que convivam com as crianças, como a família, colegas de escola e amigos, dessa forma as estratégias seriam mais eficientes (DUPAUL; STONER, 2007).

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para compreender melhor o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e suas especificidades, utilizou-se a pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória, possibilita um contato maior com o problema, tornando-o evidente e a explicativa determina e descreve o problema de forma que aproxima o conhecimento à realidade, desta forma, o presente trabalho buscou-se por meio de um estudo exploratório e explicativo para entender o TDAH.

Para realizar o trabalho, usou-se como embasamento teórico a pesquisa campo, que segundo Gil (2002), é um tipo de pesquisa que se aprofunda mais nos problemas. O pesquisador envolve-se diretamente com o processo, ou seja, este passa a vivenciar o problema que está pesquisando.

A pesquisa foi feita por meio de um questionário semiestruturado aos professores que possuem alunos com TDAH, com foco nas dificuldades de se trabalhar com esses portadores do transtorno. Os questionários foram aplicados nas duas escolas Municipais de Rio Verde-Goiás, do Ensino Fundamental (EMEF), definidas por meio de sorteio, sendo que neste, houve a separação por regiões centrais e periféricas.

Os questionários foram baseados a partir dos sintomas apresentados no DSM-IV (PAPA, 1994) e nas pesquisas realizadas em bases de dados (artigos, teses e livros). Após as coletas das informações, foram calculadas as informações de modo quantitativo e qualitativo por análise de frequência simples, o que gerou gráficas (ou tabelas), estatísticas e avaliação dos questionamentos.

Enfim, os resultados foram expostos por meio de tabelas comparativas entre as escolas escolhidas, onde se apresentará as dificuldades e os anseios dos professores, para garantir a excelência no processo de aprendizado do aluno com TDAH.

#### **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

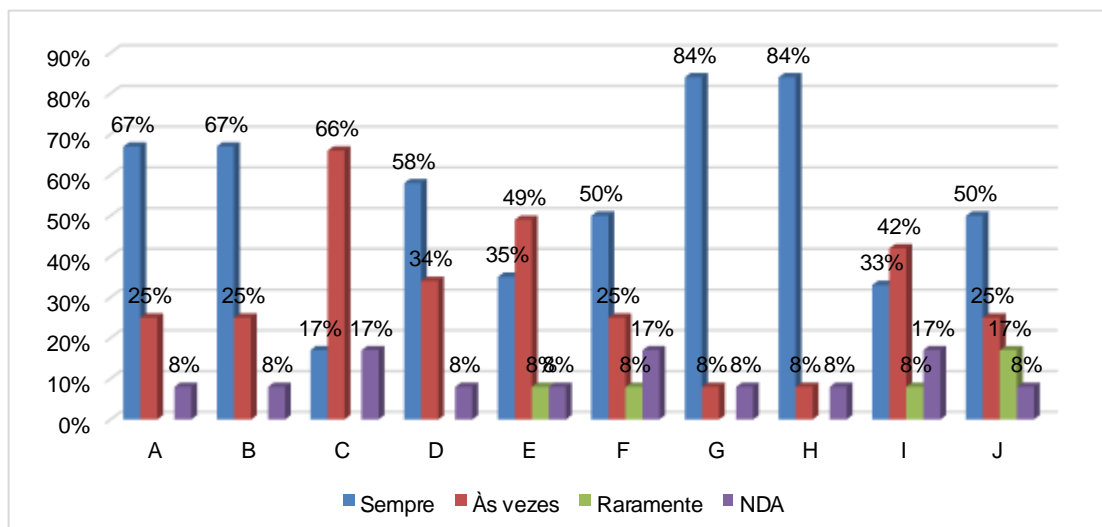
Para compreender os desafios que são encontrados por professores em duas escolas do município de Rio Verde - GO, uma localizada na zona central e a outra na zona periférica e que atendem alunos com TDAH. Foram criados dois questionários. Um composto por perguntas centrais e objetivas, direcionadas aos

professores que observam os comportamentos dos alunos com TDAH, esse primeiro questionário é composto por 10 perguntas, e o outro fez abordagem interrogativa aos professores que trabalham ou trabalharam com alunos com TDAH, esse segundo material é composto por 15 perguntas. Por fim, é amalgamada as interrogações, uma pergunta subjetiva, que fez com que os professores abordassem pontos relevantes e que não foram retratados nas questões objetivas.

Os questionamentos para os professores que observaram os alunos com TDAH foram:

- A- Não consegue prestar muita atenção a detalhes ou comete erros por descuido nos trabalhos da escola ou tarefas?
- B- Tem dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades de lazer?
- C- Parece não estar ouvindo quando se fala diretamente com ele?
- D- Perde coisas necessárias para a realização de atividades (exemplos: lápis, borracha, livros ou brinquedos)?
- E- Fala em excesso?
- F- Tem dificuldade em esperar pela sua vez?
- G- Mexe com as mãos e com os pés ou se remexe na cadeira?
- H- Distrai-se com estímulos externos?
- I- Apresenta esquecimento em atividades rotineiras?
- J- Levanta várias vezes durante a aula? (Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020).

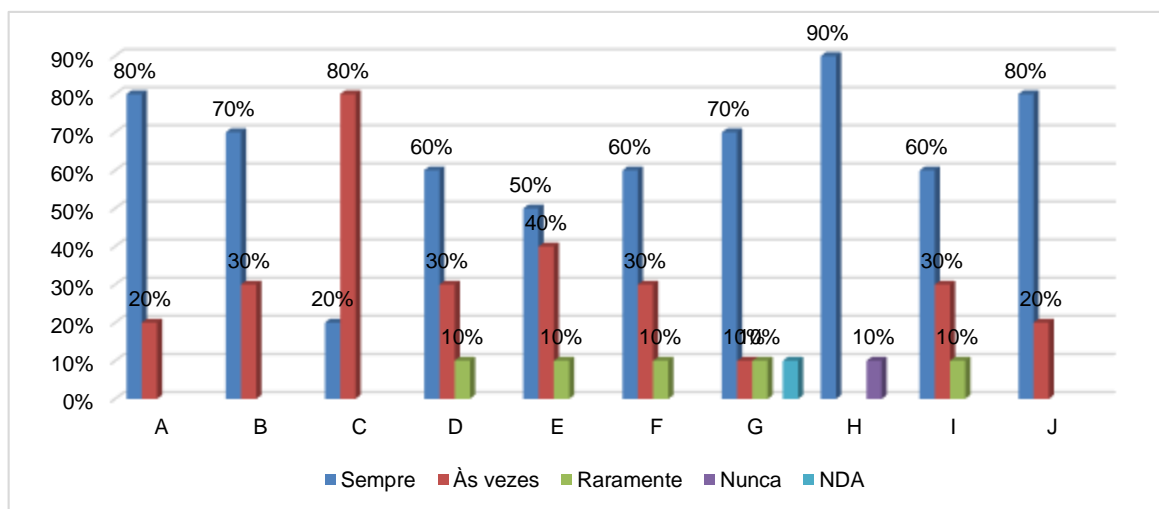
Com os resultados encontrados, após aplicar o questionário, constatou-se que na escola periférica, 84% dos alunos se distraem com estímulos externos e mexem com as mãos e com os pés ou se remexem na cadeira. Sessenta e sete (67%) não conseguem prestar atenção a detalhes ou cometem erros por descuido nas atividades escolares, ou até mesmo em momentos de lazer (Gráfico 1).



Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020.

**GRÁFICO 1 - Questões referentes ao que se observa dos alunos com TDAH na escola da periferia.**

Enquanto na escola central enfatizaram que 90% dos alunos com TDAH se distraem com estímulos externos, sendo que 80% desses alunos não conseguem prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuidos nas atividades escolares, e se levantam várias vezes durante a aula, parecendo às vezes não escutar quando se fala diretamente com ele (Gráfico 2).



Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020.

**GRÁFICO 2 - Questões referentes ao que se observa dos alunos com TDAH na escola do setor central.**

Com ênfase nos comportamentos mais observados pelos professores que observam as crianças com TDAH, estes destacaram muitos problemas, tais como brincar em silêncio, desatenção, pouco autocontrole, o que dificulta o desenvolvimento do professor em sala de aula.

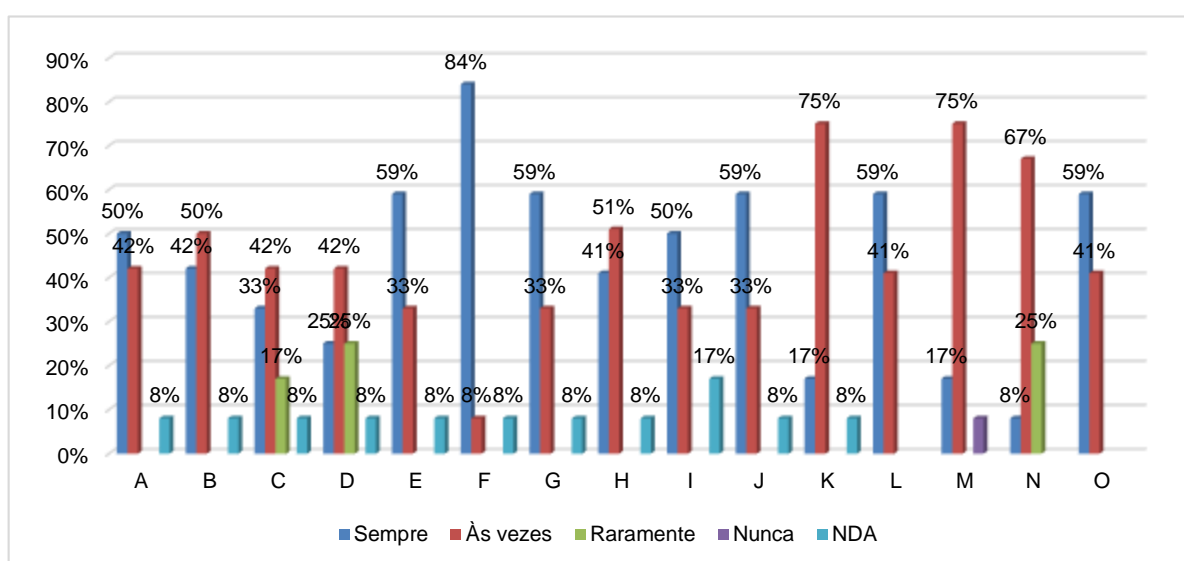
Ao comparar o resultado de ambas as escolas verificou-se que os alunos com TDAH da escola central se distraem mais, e que os da escola periférica se distraem com estímulos externos. Destarte, confirma-se com os estudos de Bozzo (2015) que expõe que as crianças com TDAH têm dificuldades para se concentrar.

Os questionamentos realizados quanto ao comportamento dos professores em relação aos alunos com TDAH, envolveram as seguintes perguntas:

- A- Aplica atividades curtas e de fácil compreensão em sala de aula?
- B- Propõe atividades lúdicas e concretas?
- C- Consegue dar a atenção necessária para os alunos com TDAH?
- D- Dispõe de recursos pedagógicos necessários para garantir o ensino aprendizagem dos alunos com TDAH?
- E- O número de alunos matriculados em sala de aula dificulta o processo de aprendizagem?
- F- Julga necessário a presença de um professor de apoio para os alunos com TDAH?
- G- Coloca o aluno com TDAH para sentar – se na frente?

- H-** Possui um bom diálogo com a família do aluno com TDAH?
- I-** Aplica outra metodologia quando percebe que aquela planejada não atingiu o aluno?
- J-** Usa voz calma, bem como uma tranquila linguagem corporal?
- K-** Utiliza o número de dicas e incentivos, especialmente os “toques” visuais e sinais não verbais?
- L-** Trabalha as dificuldades acadêmicas, sociais e comportamentais?
- M-** Ensina estratégias de autocontrole (exemplos: relaxamento, respiração profunda)?
- N-** O nível de desenvolvimento dos alunos TDAH corresponde ao nível esperado para o ano?
- O-** Os aspectos comportamentais dos alunos com TDAH interferem no desenvolvimento do trabalho em sala de aula? (Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020).

As questões direcionadas aos professores que atendem alunos com TDAH na escola da zona periférica; verificou-se que a questão relacionada à presença de um professor de apoio para os alunos com TDAH foi de 84% para a resposta sempre. Em sequência, apresentou-se 75% para às vezes, na questão em que ressalta ao número de dicas e incentivos, que utiliza especialmente aos “toques” visuais e sinais não verbais, como também, 75% que retrata se o professor ensina estratégias de autocontrole (exemplos: relaxamento, respiração profunda) aos respectivos alunos com TDAH. 67% dos professores ressaltaram às vezes para o nível de desenvolvimento dos alunos TDAH corresponde ao nível esperado para o ano (Gráfico 3).

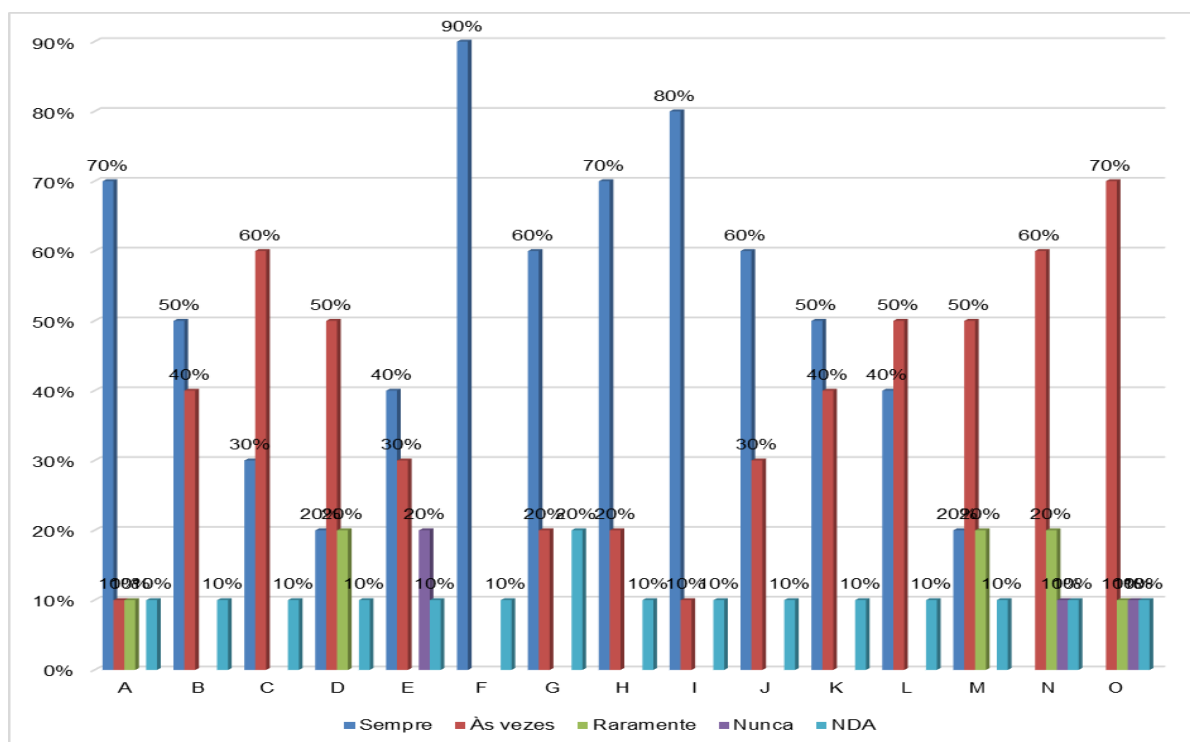


Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020.

**GRÁFICO 3 - Questões referentes aos professores que atendem alunos com TDAH apresentados pela escola da zona periférica.**

Os resultados obtidos junto aos professores que atendem alunos com TDAH da escola do setor central, foram verificados na questão que julga necessário a

presença de um professor de apoio para os alunos com TDAH e 90% destes relataram que sempre. 80% destacaram que sempre aplicam outra metodologia quando percebem que aquela planejada não atingiu o aluno. 70% retrataram que sempre aplicam atividades curtas e de fácil compreensão em sala de aula. 70% possuem sempre um bom diálogo com a família do aluno com TDAH. 70%, responderam que às vezes, para os aspectos comportamentais dos alunos com TDAH, em que disseram que interferem no desenvolvimento do trabalho em sala de aula (Gráfico 4).



Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2020.

**GRÁFICO 4 - Questões referentes aos professores que atendem alunos com TDAH apresentados pela escola do setor central.**

Os resultados que abordam os professores que atendem alunos com TDAH da escola periférica e central divergiram um pouco mais entre as alternativas: sempre e às vezes, de tal modo, é notório que algumas vieram ao encontro do pensamento de Costa, Moreira e Seabra Júnior (2015) que acreditam na adequação da prática pedagógica e a identificação do potencial de cada aluno a metodologia utilizada pelo professor, é o que fará a diferença para o ensino dos alunos com TDAH.

Os professores da escola periférica e central ressaltaram que as maiores dificuldades que encontram para trabalhar com os alunos com TDAH em seu cotidiano, é a falta de apoio, a negação e a falta de participação da família. Segundo

Desidério e Miyazaki (2007) a família tem o dever de estimular as crianças a estudarem em casa, deixando clara a inferência de não fazê-lo, devidamente, respeitando o nível de cada criança. Os educadores também citam a formação especializada que não é possível por falta de incentivo dos órgãos competentes e, também a falta de recursos pedagógicos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos anseios que a educação inclusão enfrenta na atualidade, conclui-se que tanto na escola periférica quanto na escola central, os professores possuem a mesma percepção em relação aos desafios enfrentados ao trabalhar com alunos portadores de TDAH. Assim, em ambas as escolas os professores ressaltaram o tipo de comportamento que seus alunos apresentam no decorrer de suas aulas e analisaram sua prática docente.

Os professores ressaltaram por meio de suas respostas nos questionários que, a maior dificuldade ainda é a aceitação da família, pois as crianças com TDAH precisam ser vistas como seres únicos e produtores de sua própria cultura, as mesmas se desenvolvem em seu próprio tempo, com incentivos e estímulos. Entretanto, a escassez de formação especializada para atender essas crianças foi bastante criticada, apontaram como motivo, a falta de incentivos dos órgãos competentes.

Outro desafio que deve ter proeminência é a importância de um professor de apoio para atender os alunos com TDAH, infelizmente com as superlotações em salas de aulas, os professores regentes não conseguem dar a atenção necessária para o desenvolvimento desses alunos. Contudo, deve ser levado em consideração o pouco ou nenhum uso de recursos pedagógicos, materiais esses fundamentais para a construção do processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, o desenvolvimento desse artigo possibilitou uma visão ampla das dificuldades enfrentadas pelos professores que atendem alunos com TDAH, o que não é somente por questões de localização da escola, mas pela realidade que se pautou na falta de apoio e envolvimento da família com a educação dos alunos, assim como a falta de políticas governamentais, que beneficie os estudantes com TDAH.

Enfim, foi constatado que uma das principais reivindicações dos professores é que os alunos com TDAH não possuem direito a um professor de apoio. Para os professores regentes, essa falta atrapalha no desenvolvimento dos alunos, os mesmos justificam que é necessário um tempo maior para trabalhar com os alunos que possuem essa especificidade, o que é quase impossível devido às superlotações em sala, o que compromete o processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4. ed. Washington, DC: Autor, 1994.

BOAVIDA, José; ESTRADA, Miguel Mealha. **TDAH quando a ignorância faz vítimas inocentes**. Publicado por ABDA, ago. 2019. Disponível em: <<https://tdah.org.br/tdah-quando-a-ignorancia-faz-vitimas-inocentes/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

BOZZO, Fátima Eliana Frigatto. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): a criança no mundo da lua. In: **ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO**, 5, out. 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6186897-Transtorno-de-deficit-de-atencao-hiperatividade-tdah-a-crianca-no-mundo-da-lua.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 12 maio 2020.

COSTA, Camila Rodrigues; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho; SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar. Estratégias de Ensino e Recursos Pedagógicos para o Ensino de Alunos com TDAH em Aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n.1, p.111-126, 2015.



CROCHLIK, José Leon et al. Análise de atitudes de professoras do ensino fundamental no que se refere à educação inclusiva. **Educação e Pesquisa**, v. 37. N. 3, set./dez. 2011.

DESIDÉRIO, Rosimeire C. S.; MIYAZAKI, Maria Cristina de O. S. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH): orientações para a família. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, jan./jun. 2007.

DUPAUL, George J; STONER, Gary. **TDAH nas escolas: Estratégias de Avaliação e Intervenção**. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Marcelo; VILANOVA, Luiz Celso Pereira. Transtorno de Déficit de Atenção Hiperatividade na Criança e no Adolescente: Diagnóstico e Tratamento. **Revista Neurociências**, v. 7, n. 3, p. 140-144, 1999.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394**.1996. Disponível em <[http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em 12 mar.2020.

MACHADO, Jacomuni, Ligia de Fátima; CEZAR, Marisa Jesus de Camini. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em Crianças: Reflexões Iniciais**. 2007. 16f. Maringá, PR: 2007. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia/transtorno\\_de\\_deficit\\_de\\_atencao.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/transtorno_de_deficit_de_atencao.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **A afetividade como fator de inclusão escolar**. Teias, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 50-59, jul./dez. 2008.

PAPA, Fernanda; VIÉGAS, Silvia A. G.; ZAMOR, Anderson V. **Inclusão: uma mudança no olhar da comunidade escolar para a construção de uma escola melhor inclusiva**. 2015. Disponível em: <[http://cape.edunet.sp.gov.br/cape\\_arquivos/BoasPraticas/INCLMUDANCAOLHARC OMUNESCOLARCONSTRESCOLAMELHORINCLUSIVA.pdf](http://cape.edunet.sp.gov.br/cape_arquivos/BoasPraticas/INCLMUDANCAOLHARC OMUNESCOLARCONSTRESCOLAMELHORINCLUSIVA.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade: O que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROHDE, Luís Augusto P.; HALPERN, Ricardo. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 80, n. 2, 61-70, 2004.

SHICOTTI, Rosana Vera de Oliveira; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira; GOUVEIA JÚNIOR, Sergio Augusto. Algumas Experiências Profissionais Acerca da Construção do Diagnóstico do TDAH. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 55-62, jan./abr. 2016.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes Inquietas**. Rio de Janeiro: Napads, 2003.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/Escola**: a importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. 25p. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SOUZA, Sônia Margarida Oliveira de. **A afetividade do educador na promoção de atitudes de inclusão no contexto da educação pré-escolar**. 2013. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial) - Universidade Fernando Pessoa.

TESSARO, Nilza Sanches; WARICODA, Ana Sayuri Ribeiro; BOLONHEIS, Renata Cristina Marques; ROSA, Ana Paula Barletta. Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 1, p.105-115, jun. 2005.